



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Camila Baptista Colombo

**A INFLUÊNCIA DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO DE PRATICANTES DA  
PATINAÇÃO ARTÍSTICA NA MODALIDADE LIVRE INDIVIDUAL**

Porto Alegre

2018

Camila Baptista Colombo

**A INFLUÊNCIA DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO DE PRATICANTES DA  
PATINAÇÃO ARTÍSTICA NA MODALIDADE LIVRE INDIVIDUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção da Habilitação de  
Licenciatura em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Rogério da  
Cunha Voser

Porto Alegre

2018

## RESUMO

Atualmente, a Patinação Artística é dividida em diversas modalidades, entre elas, a mais popular denomina-se livre individual. Dentre as diversas variáveis que influenciam o processo de desenvolvimento do patinador, as interferências advindas das inter-relações familiares são fundamentais para o processo de formação do esportista. Considerando que a Patinação Artística é um esporte individual, onde é de vital importância o equilíbrio emocional do atleta, o presente estudo procura saber qual a influência dos pais no desenvolvimento de atletas da Patinação Artística na modalidade Livre Individual. A pesquisa tem como objetivo identificar a influência dos pais no desenvolvimento de atletas da Patinação Artística na modalidade Livre Individual. O trabalho apresenta características de um estudo transversal, pois não houve o acompanhamento em longo prazo dos colaboradores, e a abordagem será qualitativa, com pesquisa descritiva. Como critérios de inclusão dos sujeitos participantes se optou pela definição de forma intencional, onde foram selecionados aqueles pais que possuíam tempo mínimo de três anos como membros da escola de patinação e que demonstravam maior engajamento. Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada de maneira individual com todos os colaboradores escolhidos previamente, em horário combinado pelos mesmos. Após a aplicação das entrevistas, as mesmas foram transcritas e devolvidas aos pais, para que os mesmos as validassem e, logo após, as devolvessem para dar continuidade à investigação. As categorias de análise utilizadas foram: processo de iniciação dos filhos na Patinação Artística; a importância da Patinação Artística para os filhos; a contribuição dos pais na vida esportiva dos filhos; a expectativa dos pais em relação à prática dos filhos na Patinação Artística; como os pais lidam com os filhos em dias de competições; e, classificação de características de tipos de pais no esporte. Conclui-se que a motivação pode ocorrer extrinsecamente (incentivo de pais, amigos), por ser uma atividade oferecida na escola, ou por motivação intrínseca (desejos pessoais, gostos, anseios, competitividade). Quanto aos dias de competição, fica claro que o comportamento dos pais pode influenciar diretamente o dos filhos. Conclui-se que o psicológico das atletas deve ser trabalhado, juntamente ao da família, para que sempre permaneçam em níveis saudáveis as expectativas da atleta e dos pais. Conclui-se, também, que a capacidade dos pais de estabelecerem um ambiente emocional propício à participação dos filhos no esporte que escolheram é de suma importância.

**Palavras-chave:** Patinação. Competição. Família. Motivação.

## ABSTRACT

Currently, the figure skating is divided into several modalities, among them, the most popular is called individual free. Among the several variables that influence the development process of the skater, the interferences arising from the family relationships are fundamental for the training process of the sportsman. Considering that the Artistic Skating is an individual sport, where the athlete's emotional balance is of vital importance, the present study seeks to know the influence of the parents in the development of Artistic Skating athletes in the Individual Free mode. The research aims to identify the influence of parents in the development of skating athletes in the Individual Free mode. The study presents characteristics of a cross-sectional study, since there was no long-term follow-up of the collaborators, and the approach will be qualitative, with descriptive research. As criteria for inclusion of the participants, we chose to define intentionally, where parents who had a minimum of three years' time as members of the skating school and who showed greater engagement were selected. A semi-structured interview was applied in an individual way with all previously chosen employees, at a time agreed by them. After the interviews were applied, they were transcribed and returned to the parents, so that they validated them and, afterwards, returned them to continue the investigation. The categories of analysis used were: process of initiation of the children in the Artistic Skating; the importance of the Artistic Skating for the children; the contribution of parents in the sports life of their children; the expectation of the parents regarding the practice of the children in the Artistic Skating; how parents deal with their children on competition days; and, classification of characteristics of types of parents in the sport. It is concluded that motivation can occur extrinsically (encouragement from parents, friends), because it is an activity offered at school, or by intrinsic motivation (personal desires, likes, desires, competitiveness). As for the days of competition, it is clear that the behavior of parents can directly influence that of their children. It is concluded that the psychological of athletes must be worked, along with that of the family, so that the athlete and the parents' expectations always remain at healthy levels. It is also concluded that parents' ability to establish an emotional environment conducive to the participation of their children in the sport of their choice is of paramount importance.

**Keywords:** Skating. Competition. Family. Motivation.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>7</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PATINAÇÃO ARTÍSTICA.....	7
2.2 ESPORTE E AMBIENTE FAMILIAR .....	10
2.3 CLASSIFICAÇÕES DO COMPORTAMENTO FAMILIAR .....	13
2.4 CARACTERÍSTICAS DOS PAIS EM RELAÇÃO À PRÁTICA ESPORTIVA DE SEUS FILHOS.....	16
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>21</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	21
3.2 COLABORADORES DA PESQUISA .....	21
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	22
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E PRECEITOS ÉTICOS .....	22
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>24</b>
4.1 PROCESSO DE INICIAÇÃO DOS FILHOS NA PATINAÇÃO ARTÍSTICA.....	24
4.2 A IMPORTÂNCIA DA PATINAÇÃO ARTÍSTICA PARA OS FILHOS .....	26
4.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESPORTIVA DOS FILHOS .....	28
4.4 A EXPECTATIVA DOS PAIS EM RELAÇÃO À PRÁTICA DOS FILHOS NA PATINAÇÃO ARTÍSTICA.....	29
4.5 COMO OS PAIS LIDAM COM OS FILHOS EM DIAS DE COMPETIÇÕES.....	31
4.6 CLASSIFICAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DE TIPOS DE PAIS NO ESPORTE	34
<b>5 CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS PARA NOVOS ESTUDOS</b> .....	<b>37</b>
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A – Autorização e Consentimento.....	44
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	44
APÊNDICE C – Declaração de consentimento .....	47
APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	48

## 1 INTRODUÇÃO

A patinação surgiu na Noruega, cerca de 1000 A.C., com a necessidade de atravessar lagos congelados no inverno europeu. Este método acabou tornando-se uma forma de lazer praticado no inverno. Com o passar dos anos, a necessidade tornou-se uma prática esportiva, que se restringia a desenhar com os patins círculos no chão.

A partir do esporte no gelo, nos países onde o clima não permitia lagos congelados, surgiram os patins com rodas, e, com a tendência natural de competitividade dos seres humanos, logo, iniciaram as competições. Atualmente, a Patinação Artística é dividida em diversas modalidades, entre elas, a mais popular denomina-se livre individual. As competições, nesta modalidade, são realizadas através de solos constituídos com saltos, corrupios, figuras e trabalhos de perna.

Dentre as diversas variáveis que influenciam o processo de desenvolvimento do patinador, as interferências advindas das inter-relações familiares são fundamentais para o processo de formação do esportista. Segundo Hellstedt (1990), os baixos níveis de pressão estão relacionados com uma reação positiva dos filhos. Ao contrário, altos níveis de pressão indicam reações negativas. O autor afirma que a trajetória bem sucedida de um atleta pode ser credenciada aos pais pelos valores transpassados, apoio e suporte necessário durante a carreira. Da mesma forma, aspectos negativos também podem ser responsabilidades dos progenitores, como a alta exigência e indevida cobrança por sucesso, possibilitando promover baixo rendimento e até desistência do esporte pelo praticante.

Considerando que a Patinação Artística é um esporte individual, onde é de vital importância o equilíbrio emocional do atleta, o presente estudo procura saber qual a influência dos pais no desenvolvimento de atletas da Patinação Artística na modalidade Livre Individual. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo identificar a influência dos pais no desenvolvimento de atletas da Patinação Artística na modalidade Livre Individual.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir, serão apresentados os referenciais sobre os temas que foram escolhidos como parte do presente trabalho, a partir das pesquisas realizadas nas bases de dados.

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PATINAÇÃO ARTÍSTICA

Segundo a Confederação Brasileira de Hockey e Patinagem, os patins de gelo mais antigos surgiram na Noruega como meio de locomoção. Os primeiros patins datam de 1.000 a. C. e eram feitos de ossos de maxilares de veados, presos aos pés. Ao final da Idade Média, a tendência à competitividade incitou o início de disputas, onde os competidores patinavam no gelo com elementos que causavam menor atrito, como: ossos, lâminas de madeira e, posteriormente, lâminas de ferro - que propiciavam maior velocidade.

A partir de então, as competições de criatividade tiveram seu início. As mesmas se constituíam em desenhar figuras com as lâminas dos patins no gelo, juntamente com a execução das figuras com leveza e graça. Assim, originou-se a Patinação Artística.

Em 1876, com a criação do primeiro centro de patinação e a construção de diversos riques em Paris, a Patinação Artística começou a se expandir por toda a Europa. Por volta de 1914, no período da “Belle Époque”, a patinação tornou-se um esporte de elite, e os riques tornaram-se pontos de encontro da alta sociedade. No entanto, com o surgimento da I Guerra Mundial, diversos riques foram fechados e o esporte foi praticamente extinto.

Aos poucos, no fim da guerra, os países onde se praticava patinação foram reativando as atividades esportivas. A partir de então, a patinação se revolucionou de maneira mais organizada, com um desenvolvimento crescente. Foram criadas as modalidades: Figuras Obrigatórias, Livre Individual, Dupla Livre e, posteriormente, as modalidades Dança e Show.

A Patinação Artística sobre rodas originou-se da Patinação Artística no Gelo. A partir do esporte no gelo, nos países onde o clima não permitia lagos congelados, surgiram os patins com rodas, e, por consequência, as regras da Patinação Artística no gelo foram adaptadas para a Patinação Artística sobre rodas.

No Brasil, no início de 1900, a patinação era uma atividade exclusivamente recreativa, trazida da Europa pelos filhos de famílias ricas que lá concluíam seus estudos. Assim, a prática tornou-se modismo nos riques e parques que eram ponto de encontro para jovens da alta sociedade. Os riques passaram a promover “concursos de patinação”, onde os patinadores se apresentavam para o público presente que, ao final das apresentações, colocava seu voto em uma urna. As categorias de avaliação eram: a patinação, a naturalidade, a elegância e a perfeição. Em 1916, o brasileiro José Erotides Marcondes Machado, conhecido como “Tidoca” tornou-se o primeiro patinador brasileiro a participar de um concurso no exterior, na França.

Entre 1936 e 1943, a Patinação Artística passou por um período de estagnação no Brasil. Só em 1944, com a inauguração de alguns riques, entre eles o rique Bom Vista, na Ladeira Porto Geral, o esporte voltou a ser praticado com regularidade. Tal rique tornou-se palco de apresentações dos principais patinadores nacionais.

Em 1955, o comendador Hiada Torlay passou a fabricar patins de rodas no Brasil. Em 1970, com seus próprios recursos, Torlay convidou técnicos do Chile, Argentina e Uruguai para ministrarem cursos técnicos de patinação no Brasil. Assim, iniciou-se a implantação da Patinação Artística Competitiva, bem como a divisão de modalidades dentro do esporte.

Em 1971, foi realizado o I Campeonato Sul-Americano de Patinação Artística no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Participaram da competição Brasil, Uruguai, Argentina e Colômbia. A brasileira Cecilia D’Andrea sagrou-se a primeira campeã sul americana na modalidade livre individual feminino. Em 1972, o Brasil teve sua primeira participação em um Campeonato Mundial, em Bremen (Alemanha).

Nos dias 7 e 08 de Maio de 1975, foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Patinação Artística no Clube Militar do Rio de Janeiro. Desde então, a Confederação Brasileira de Hockey e Patinagem (CBHP) realiza anualmente campeonatos brasileiros, bem como participa de campeonatos sul-americanos, pan-americanos e mundiais de Patinação Artística.

De acordo com o regulamento do Comitê Internacional de Patinação Artística, a patinação sobre rodas não é um esporte olímpico, e sua principal competição é o Campeonato Mundial. Tal campeonato acontece anualmente, sempre no final da temporada. No Brasil, para que um atleta represente a Seleção Brasileira no



Campeonato Mundial, precisa passar por seletivas. Nas mesmas, é preciso manter-se entre os três primeiros lugares do pódio das seguintes competições: Campeonato Brasileiro Interclubes e Campeonato Sul Americano, para o qual a convocação é realizada através dos resultados do Campeonato Brasileiro. Há, ainda, o Campeonato Pan-Americano, realizado de quatro em quatro anos, quando apenas um atleta de cada sexo é convocado, e os Jogos de ODESUR - ambos organizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Segundo o regulamento da CBHP (Confederação Brasileira de Hóquei e Patinagem), as competições devem ser apresentadas com músicas orquestradas ou cantadas, com um tempo de música estipulado, advindo da modalidade que o atleta estiver participando. As provas são divididas por gênero, bem como por idades, com as categorias detalhadas em: Mini Infantil, Infantil, Cadete, Juvenil, Junior e Sênior. Entretanto, o Campeonato Mundial é realizado somente com as categorias Júnior e Sênior.

Já no regulamento ROLLART, seguido em todas as competições oficiais, a Patinação Artística é dividida em sete modalidades: Livre Individual, Figuras Obrigatórias, Dança, Dupla Livre, Dupla de Dança, Show e Precisão. As mesmas possuem as seguintes características:

- Livre individual: os patinadores se apresentam através de coreografias individuais, onde demonstram saltos, corrupios, figuras e trabalhos de pé obrigatórios. Além disso, devem apresentar habilidade ao patinar, elementos coreográficos de ligação entre um elemento técnico e outro, destreza, velocidade e interpretação do tema escolhido para executar a coreografia;
- Figuras Obrigatórias: consiste na execução de contornar figuras desenhadas no solo em círculos e eixos específicos, sempre mantendo a base do patins no meio da linha que traça os desenhos na pista;
- Dança: essa modalidade é dividida em *Solo Dance* e *Free Dance*, e o resultado corresponde à somatória das apresentações das duas modalidades. *Solo dance* - o patinador explora trabalhos de pernas seguindo diagramas pré-estabelecidos no regulamento, com músicas obrigatórias, passos e ritmos específicos; *Free Dance* - o patinador apresenta uma coreografia livre, composta por passos de dança e trabalhos de pé que devem ser bem executados e estar de

acordo com a música, que é de livre escolha. Nessa modalidade é permitida a execução de apenas três saltos de uma volta e dois corrupios;

- Dupla Livre: os patinadores se apresentam em duplas, formadas por homem e mulher. Seus conteúdos são semelhantes aos da modalidade Livre Individual, porém, adaptados para dois - com o acréscimo de levantamentos específicos;
- Dupla de Dança: os patinadores se apresentam em duplas, formadas por homem e mulher. Seus conteúdos são semelhantes aos da modalidade Dança, porém, adaptados para dois - com o acréscimo de levantamentos específicos;
- Grupo de Show: os patinadores se apresentam em grupos de 6 a 30 competidores, e devem contar uma história através da execução coreográfica;
- Precisão: os patinadores se apresentam em grupos de 8 a 24 atletas. São apresentadas coreografias de danças, simetria de corpo e elenco em qualquer movimento realizado.

## 2.2 ESPORTE E AMBIENTE FAMILIAR

Interações familiares ocorrem desde tenra idade, e abrangem os relacionamentos pai-criança, mãe-criança, os sentimentos dos pais em relação à criança, e as interações com os irmãos, avós, tios, e demais familiares. O contexto familiar pode se refletir no comportamento do atleta, nas competições e/ou nas atitudes diárias. Para o treinador, que não convive no mesmo ambiente, pode ser difícil diferenciar atitudes que reflitam problemas em casa de um comportamento equivocado proposital. Tal discernimento, porém, pode ser a chave para o sucesso ou o fracasso do atleta e da equipe.

De acordo com Fonseca e Stela (2015), a iniciação esportiva corresponde ao período em que a criança inicia o aprendizado de forma mais específica e planejada da prática esportiva. A iniciação esportiva é o período em que a criança inicia a prática regular, de fato, do esporte. Caso seja orientada corretamente e o treinamento seja planejado, conseguirá dominar a modalidade esportiva aos poucos. Para Fonseca e Stela (2015), o principal objetivo da prática esportiva seria dar continuidade ao desenvolvimento da criança de maneira integral, o que causaria melhora progressiva no rendimento esportivo. Os autores defendem que as

interferências das inter-relações sociais são fundamentais no estabelecimento de um ambiente com condições favoráveis, ou não, para a formação pessoal e esportiva.

A motivação corresponde à direção e a intensidade de um esforço. Juntamente com a habilidade, ao condicionamento físico e a autoconfiança, é um fator determinante para um bom desempenho (SAMULSKI; NOCE; 2002). Para Verardi e De Marco (2008) a motivação seria o principal fator para a realização de toda e qualquer atividade, motora ou cognitiva, permitindo a eficiência da aprendizagem. Na infância, a motivação dependeria de diversos fatores, como: o incentivo dos familiares, a persistência, a autoestima e a confiança. Assim, a família representaria um ambiente social primário, onde a criança pode desenvolver-se para a prática esportiva e como ser humano. O incentivo, segundo os autores, é essencial na formação da autoestima (VERARDI; DE MARCO, 2008).

A presença familiar, portanto, é fundamental para o apoio ao atleta em todos os estágios de desenvolvimento, especialmente nos períodos de transição (FERREIRA; MORAES, 2012). Estudos que analisaram o desenvolvimento de jovens diversas atividades comprovam que a presença familiar é fundamental para o atleta (BLOOM; 1985; CÔTÉ; 1999; SALMELA; YOUNG; KALLIO; 2000). Todos os autores citados são unânimes quanto a importância do incentivo familiar nos anos iniciais pois, quando ocorre de maneira adequada, possibilita o progresso do atleta.

Nos anos iniciais, segundo os autores, são os pais os responsáveis por inserir os filhos em alguma modalidade esportiva. O apoio financeiro e emocional, portanto, se tornam fundamentais para que a criança se mantenha na prática (BLOOM, 1985; MORAES, RABELO, SALMELA, 2004). Nos anos intermediários, os pais seguem contribuindo financeiramente, o que permite a manutenção da atividade desportiva dos filhos em diversos aspectos, como a motivação (VERNACCHIA et al., 2000) e o comprometimento (MALLET; HANRAHAN; 2004). Em todas as fases da vida, a relação entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento contínuo da carreira do atleta.

A primeira aprendizagem social da criança, segundo Mussen (1985), ocorre em casa, e suas primeiras ligações com a família, sobretudo com a mãe, são consideradas como antecedentes decisivos de relações posteriores. Desde a satisfação das necessidades primárias da criança, como alimentação, proteção e conforto, até os contatos com estímulos visuais, táteis e sinestésicos, destacam a

representação de sentimento de prazer, alívio de tensão e alegrias, dentre outros, associados com ligação parental, geralmente tendo a mãe como principal agente.

Para Hellstedt (1990), a família é o ambiente social primário onde o jovem pode desenvolver sua identidade, autoestima e motivação para o sucesso. Segundo o autor, a carreira bem sucedida de um atleta pode ser creditada aos familiares pelo encorajamento, aquisição de valores, além de todo suporte e amor durante a carreira. Em contra partida, a alta exigência e cobrança dos pais podem promover uma atmosfera de regras rígidas e expectativas irreais. De acordo com o autor, um ambiente familiar desorganizado causa relações interpessoais inadequadas, problemas de aceitação ao treinador e a deficiência de controle interno e autodisciplina do atleta. Hellstedt (1995) levanta, ainda, uma questão possível de gerar um efeito altamente negativo: a influência excessiva ou ineficaz – um subenvolvimento - da família no esporte em questão.

Para De Rose Jr. (2002, p. 41) “toda prática esportiva oferecida às crianças e aos adolescentes é permeada por ações adultas – dos pais, dos dirigentes, dos professores, dos técnicos, dos árbitros”. Para o autor, todos os familiares interferem de alguma maneira nas experiências esportivas de seus praticantes. Para Jesrsild (1966), somos em alto grau produto da criação que recebemos quando crianças, e temos uma responsabilidade a mais: todo o adulto que lida com crianças desempenha o papel de pai, sejam essas crianças filhos seus ou de outrem. Conseqüentemente, as atitudes dos pais constituem parâmetros essenciais para o desenvolvimento da personalidade das mesmas.

Byrne (1993) propõe uma sistematização dessas ações em um círculo de influências (técnicos, professores, pais, árbitros, torcedores, clubes, etc.) Segundo o autor, dentre os elementos citados, os mais relevantes seriam os pais e os técnicos. Weinberg e Gould (2001) apontam que, ao longo das décadas, a identificação dos papéis dos pais no desempenho das crianças nos esportes se tornou importante. De acordo com diversas pesquisas, fica comprovada a influência que os pais têm na prática e no rendimento do esporte e da carreira dos filhos (KRANE; SNOW; GREENLEAF; 1997; BRUSTAD; 1993; VAN YPEREN, 2009). De acordo com Simoes, Bohme e Lucato (1999), há mais preocupação em revelar novos atletas do que em orientar a participação dos adultos na vida esportiva de crianças. Os pais, de acordo com os autores, tomam decisões e agem a fim de que seus filhos se tornem bons atletas, o que ocorre através do incentivo para a participação em “escolinhas

de esporte”, como basquetebol, handebol, futebol, natação, entre outras modalidades. A relação entre os adultos presentes na vida da criança deve ser cuidadosamente observada, uma vez que família, escola e prática esportiva estão estritamente ligados à formação e ao desenvolvimento das crianças (SIMOES, BOHME, LUCATO; 1999). Barbanti (1989) demonstrou, ainda, que meninos são mais influenciados por amigos, em comparação às meninas, que são mais influenciadas pelos pais. Assim, o estudo concluiu que há uma leve tendência por parte dos pais de exigirem mais das filhas que dos filhos (BARBANTI, 1989).

De acordo com Winner (1998), uma das principais funções da família seria a de servir como modelo de valores e atitudes. A dedicação à atividade seria um exemplo de modelo de atitude positiva que a família pode passar aos filhos. Portanto, fica evidenciado que, além da cobrança adequada em relação à disciplina e dedicação à atividade, é importante que os pais, paralelamente, mostrem a mesma dedicação em suas respectivas atividades, representando exemplos aos filhos. Além disso, a família deve conceder independência adequada, para que o filho tome decisões e assuma alguns riscos (WINNER, 1998). Aspesi (2003) mostra, ainda, que a independência concedida aos filhos é importante para que os mesmos desenvolvam sua própria identidade, o que contribuiria, também, para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Em conclusão, um estudo realizado com tenistas suecos de alto nível destacou a importância, ainda, da percepção dos jovens atletas em relação ao suporte familiar (CARLSON, 1988). No mesmo, fica evidenciado que o suporte e o incentivo da família devem gerar uma percepção favorável dos jovens, para que sejam efetivos. Para isso, enfatiza-se a importância do diálogo entre pais e filhos atletas, com o intuito de explicar aos filhos o envolvimento exercido pelos pais, bem como explicar aos pais o envolvimento desejado pelos jovens (SILVA; FLEITH, 2008).

### 2.3 CLASSIFICAÇÕES DO COMPORTAMENTO FAMILIAR

De acordo com Peres e Lovisolo (2006), as relações sociais significativas na formação esportiva são, principalmente, as da família, das instituições escolares e dos clubes. No estudo, uma análise quanto à formação e ao desenvolvimento dos atletas de elite, de acordo com suas trajetórias esportivas, confirmou que a família,

tanto na escolha da prática esportiva quanto no suporte emocional e financeiro, é o agente social que mais contracenana com o atleta. A motivação, os recursos, o encorajamento e o acompanhamento da atividade ficam evidenciados como principais aspectos relacionados à influência da família nessa fase (PERES, LOVISOLO; 2006; CÔTÉ; 1999; DURAND-BUSH; SALMELA; THOMPSON; 2004).

Sobre a relação entre pais e filhos, Czikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1993) identificaram dois processos: a integração e a diferenciação. As famílias que promovem a integração conseguem desenvolver um senso de apoio mútuo e harmonia entre seus filhos, através da convivência em família. Já nas famílias onde ocorre diferenciação, as crianças são encorajadas independentemente e de acordo com os desafios da área esportiva em que cada um está inserido. Tais famílias buscam a independência dos filhos. Os autores também reconhecem outro tipo de família, a família considerada complexa, que promoveria tanto a diferenciação quanto a integração, o que geraria condições adequadas ao desenvolvimento do atleta (DURAND-BUSH; SALMELA; THOMPSON; 2004; SALMELA; MORAES; 2003).

De acordo com Silva e Fleith (2008), alguns estudos sugerem uma grande dedicação das famílias aos filhos que apresentam comportamentos superdotados (BLOOM, 1985; WINNER, 1998). Sacrifícios financeiros, sociais, educacionais e profissionais, em casos de filhos talentosos, são feitos em nome do filho. Segundo os autores, os pais auxiliariam na rotina, no monitoramento das atividades e na superação de eventuais dificuldades. Assim, as necessidades de tais jovens passam a ocupar uma posição central na dinâmica familiar.

Jersild (1966) e Mussen (1975) propõem a classificação do comportamento familiar em três níveis básicos, orientados por pressupostos de comportamentos sócio-afetivos:

- Família democrática: familiares estimulam a curiosidade e auto-expressão da criança. Há discussões e consultas freqüentes em relação a decisões importantes. Há valorização dos interesses individuais e características próprias da criança. Familiares normalmente apresentam um perfil de liderança, atividade, desembaraço, autodefesa, criatividade, originalidade, curiosidade, não conformismo, entre outros. Em resumo, pessoas sociáveis, ativas e desinibidos;
- Família autoritária: caracterizada por um elevado nível de controle,

onde os familiares impõem muitas regras nítidas e proibições. As crianças tendem a ser silenciosas, bem comportadas, tímidas, inibidas quando em grupo, conformistas, com baixa curiosidade e criatividade. Embora pais autoritários visem gerar um senso de responsabilidade nos filhos, essa característica não se torna evidente na personalidade da criança. Nas famílias democráticas, tal característica fica bem mais evidente;

- Família permissiva: a principal característica da família é ceder aos impulsos, desejos e ações da criança. Não exige muita ordem, o que permite que a própria criança regule suas atividades. Consulta a criança quanto às decisões importantes e dão explicações referentes à regras da família. Os pais não demonstram esforço no estímulo ao comportamento responsável da criança, ou para corrigir comportamentos imaturos. As crianças não apresentam responsabilidade.

De acordo com Silva e Fleith (2008), no contexto esportivo, os pais teriam, ainda, uma importância evidenciada na transição dos jovens para uma fase de treino mais intenso e deliberado, bem como no financiamento contínuo da prática. Assim, a família desempenha importantes funções em relação ao início e ao prosseguimento da prática esportiva de um indivíduo, podendo contribuir, de maneira positiva ou negativa para o desenvolvimento do talento.

Em pesquisa realizada por Hemery (1988), com atletas de elite em suas modalidades, os resultados indicam que os pais forneceram apoio e incentivo elevados aos mesmos, possibilitando a existência de um ambiente considerado seguro e adequado. De acordo com Côté e Hay (2002), o suporte proporcionado pela família pode se dividir em: suporte emocional, suporte informativo, suporte tangível e suporte de rede ou parceria. O suporte emocional envolve quatro dimensões diferentes: suporte durante eventos - negativos e positivos; aumento da autoconfiança; e, suporte para a compreensão do indivíduo. O suporte informativo se caracteriza por orientações com a finalidade de solucionar eventuais problemas e desafios. O suporte tangível se refere à assistência, como financiamentos de viagens e equipamentos necessários à prática. Por fim, a parceria se caracteriza pela ocorrência de relacionamentos casuais que possibilitam a participação do indivíduo em atividades sociais e recreativas.

Conforme Jersild (1966) e Mussen (1975), dentre as diversas classificações sobre a forma de comportamento familiar em relação à constituição do ambiente de

formação da criança, existem três níveis básicos orientados por pressupostos sócios afetivos: famílias democráticas, famílias autoritárias e famílias permissivas.

Segundo Mussen (1975), famílias democráticas são caracterizadas por estímulos, dados pelos pais, à curiosidade e à autoexpressão da criança, frequentes discussões entre pais e filhos e consultas quanto a decisões. Os sujeitos envolvidos neste ambiente familiar tendem a apresentar um perfil de elevado grau de liderança, sociabilidade, atividade e desinibição.

O autor caracteriza famílias autoritárias por um elevado nível de controle, muitas regras nítidas, proibições e restrições, buscando a formação de virtudes de respeito pela autoridade, pelo trabalho e pela ordem. As crianças neste ambiente tendem a ser quietas, inibidas, comportadas, conformistas, com poucas curiosidades e criatividade. De acordo com o autor, famílias permissivas apresentam como principais características a aceitação de impulsos, desejos e ações da criança. Fazem poucas exigências quanto a ordem, permitindo que, tanto quanto possível, os filhos regulem suas atividades. Os filhos de pais permissivos não possuem responsabilidade e comportamento adequado.

#### 2.4 CARACTERÍSTICAS DOS PAIS EM RELAÇÃO À PRÁTICA ESPORTIVA DE SEUS FILHOS

As diferentes ações e influências que os pais exercem sobre as crianças e jovens no esporte podem acarretar em um contexto favorável, ou não, para o rendimento de um futuro atleta. Neste subcapítulo, com auxílio da literatura, buscou-se compreender tais influências, a partir do entendimento das diferentes tipologias referidas aos pais.

Segundo Becker Jr e Teloken (2000, p.24) "analisando a conduta de pais de jovens esportistas verifica-se que existem os que se dedicam a apoiar com sobriedade, outros que nunca estão presentes e ainda outros que só perturbam por sua conduta totalmente desequilibrada". Hellstedt (1987) aborda o comportamento e envolvimento dos pais através de uma divisão de grupos ordenada por: subenvolvimento, envolvimento moderado e envolvimento excessivo.

Para Byrne (1993), se enquadrariam no subenvolvimento pais desinteressados e mal informados; o envolvimento moderado seria caracterizado



como zona de conforto; e, no envolvimento excessivo, se encaixariam pais excitados e pais fanáticos.

Seguindo a mesma linha de estudos, Latorre (2001) descreve as formas de manifestação de pais que podem ser encontradas no esporte. De certa forma, as mesmas se enquadram no modelo de Byrne (1993), constituindo uma classificação mais minuciosa, que se divide em: pais desinteressados, pais excessivamente críticos, pais exaltados, pais treinadores de arquibancada, pais super protetores e pais úteis.

De acordo com Latorre (2001) e Byrne (1993), portanto, pais desinteressados são ausentes nas atividades. No entanto, quando se fazem presentes, são reconhecidamente valorizados pelos filhos e treinadores; pais excessivamente críticos repreendem seus filhos e os menosprezam. Nunca parecem estar satisfeitos com a participação do filho, e demonstram que a atividade parece ser mais “sua” que do mesmo; pais exaltados sentam-se na área de jogo, protestando e gritando com todos os atores do meio, causando grandes constrangimentos aos filhos; pais treinadores de arquibancada proclamam aos atletas uma avalanche de informações e instruções, quase sempre contradizendo ao treinador e, portanto, confundindo seu filho e atrapalhando o restante da equipe; pais super protetores ameaçam retirar os filhos da atividade esportiva constantemente, pois sentem medo em relação aos perigos associados ao esporte, que podem transmitir aos filhos; pais úteis, por fim, fomentam a participação no esporte, dando o impulso necessário, despertando entusiasmo e auxiliando na formação do atleta.

Ainda nessa linha, Smith e Smoll (1999), citados por Marques (2003, p. 55) colaboram identificando atitudes e condutas dos pais em relação à participação de seus filhos nas competições, conforme descrevem:

- a) Pais desinteressados - a característica desses pais é a ausência permanente nas atividades desportivas dos filhos;
- b) Pais supercríticos - esses pais estão sempre criticando e censurando. Parece que nunca estão satisfeitos com o rendimento desportivo do filho. Passam a impressão que é mais “a sua prova”, “o seu treino”, “o seu jogo” do que a tarefa do seu filho;
- c) Pais nervosos que gritam - trata-se daqueles pais que vivem gritando contra todos e contra tudo, enraivecidos, não deixando que se ouça mais ninguém, inclusive o treinador;

d) Pais treinadores - é muito frequente encontrar esse tipo de pai junto ao banco de reservas ou à volta do local da competição “dando instruções” aos praticantes. Essas ordens e orientações, muitas vezes, são contrárias às instruções do próprio treinador. Essa situação provoca confusão nas crianças, pois são duas pessoas diferentes dando-lhes instruções ambivalentes sobre ações que elas devem executar nos treinamentos e competições;

e) Pais superprotetores - é mais comum encontrar essa situação entre as mães das crianças. É frequente ouvi-las falar que vão retirar o filho do desporto pelos perigos que ele envolve.

Para Cratty (1968), são os sentimentos dos pais em relação aos filhos os maiores influenciadores na formação de personalidade das crianças. Hanlon (1994) elucida que, em muitos casos, pais projetam sonhos não realizados nos filhos, e buscam realizá-los em detrimento de experiências benéficas à criança. Becker Jr e Telöken (2000), após analisarem a conduta de pais de crianças esportistas, verificaram a existência de pais apoiadores, outros que sequer comparecem aos eventos e, outros que são capazes de prejudicar os filhos devido ao comportamento inadequado.

Hellstadt (1987) sistematiza o comportamento dos pais, de acordo com categorias:

- Pais desinteressados: são os pais que transferem a responsabilidade de cuidar de seus filhos para o treinador (esporte como “babá”). Eles inscrevem as crianças em programas esportivos, sem ao menos saber se o garoto gosta ou não daquela atividade. Estas crianças acabam sendo submetidas à situações de estresse, uma vez que são obrigados a praticar uma modalidade, não possuindo portanto, uma motivação intrínseca suficiente, que a leve a gostar e querer praticar esta atividade. Este comportamento pode gerar não somente o abandono ao esporte, como também uma futura intolerância a esta modalidade;

- Pais mal informados: são aqueles que permitem a prática esportiva de seus filhos a partir de uma primeira conversa, mas depois não se envolvem no processo de treinamento e competições. Nestes casos, não parece haver desinteresse por parte dos pais, mas uma incompreensão sobre a importância do seu papel frente a formação esportiva de seu filho;

- Pais excitados: este grupo refere-se aos pais que tendem a estar

sempre colaborando com o técnico. Frequentam aos treinamentos, se envolvem no processo de forma adequada. Entretanto, em jogos mais empolgantes, se excitam de forma exacerbada, dirigindo aos árbitros com frases ofensivas e acabam prejudicando todo o ambiente competitivo. Pais nesta categoria não são más pessoas, geralmente, não percebem seu comportamento inadequado, e muito menos que estão constringindo seus filhos ou mesmo lhes dando um mal exemplo de conduta social e esportiva;

- Pais fanáticos: sem sombra de dúvidas, são os mais problemáticos. Independentemente de suas experiências no esporte, bem ou mal sucedidos, eles criam um desejo comum, que seus filhos sejam os verdadeiros heróis no esporte. Nunca estão satisfeitos com o desempenho e sempre têm sugestões para melhoria deste. Acabam interferindo em todo processo de preparação, cobram muito de seus filhos a ponto de gerar grandes pressões e falta de prazer pela prática de esportes. Se exaltam facilmente com a conduta do árbitro e do próprio treinador de seu filho, criando um ambiente hostil e perturbado.

Vianna et al. (2001), em uma pesquisa realizada com atletas de ginástica rítmica, demonstraram a existência de envolvimento efetivo dos pais durante todos os estágios de desenvolvimento das atletas. No primeiro estágio, os pais apoiaram as atletas por meio de recursos financeiros, na busca de melhores condições de treino. A cobrança e a pressão por resultados, porém, por parte da família e sem medir conseqüências, podem fazer com que a criança abandone precocemente a atividade esportiva (GUSTAFSSON et al., 2007).

Hellstedt (1987) define, ainda, três níveis de envolvimento dos pais no esporte dos filhos:

1. Sub-envolvimento: falta de comprometimento financeiro e emocional dos pais, como na ausência em competições;

2. Envolvimento adequado: os pais oferecem o suporte e a ajuda necessários e estimulam o estabelecimento de metas reais, além de os apoiarem financeiramente;

3. Super envolvimento: os pais exageram na participação, misturando suas necessidades com a dos filhos.

O envolvimento dos pais, portanto, seria um fator determinante para o sucesso ou fracasso do desenvolvimento do atleta (BAKER; HORTON; 2004; ERICSSON; PRIETULA; COKELY; 2007). Pesquisas indicam relação entre a crença

dos pais e a percepção de competência desenvolvida pelos jovens (BABKES; WEISS; 1999). Isto é, o fato dos pais considerarem que os filhos apresentam competência em uma determinada área contribui para que os jovens também reconheçam suas próprias habilidades nela. Isto, por sua vez, funciona como um estímulo para que eles se dediquem cada vez mais à sua respectiva atividade. Ressalta-se também que o fato dos pais reconhecerem que o filho apresenta um desempenho expressivo em alguma atividade influencia o posterior envolvimento e apoio deles (CÔTÉ, 1999). No que diz respeito ao impacto das expectativas dos pais, Eccles e Harold (1991) afirmam que elas influenciam o desempenho atual do jovem e a forma como este se dedica a atividades específicas e se esforça na atividade realizada. Esta influência, segundo Ericsson, Prietula e Cokely (2007), pode ser direta, devido à provisão de oportunidades, ou indireta em virtude do fortalecimento da motivação e da autoconfiança para a realização de uma atividade. No contexto esportivo, Eccles e Harold (1991) afirmam que as expectativas dos pais influenciam os filhos em relação à dedicação em atividades específicas, à intensidade de esforço empreendido e ao nível de desempenho atual.

Para Hellstedt (1987), o conceito de envolvimento dos pais no esporte é um *continuum* que vai do subenvolvimento ao envolvimento moderado e, por fim, ao superenvolvimento. O autor define subenvolvimento como uma relativa falta de comprometimento emocional, financeiro ou funcional dos pais, que tem como indicativos a falta de comparecimento a jogos e eventos, pouco envolvimento em atividades voluntárias e pouquíssimo contato com os treinadores. No envolvimento moderado, considerado pelo autor como sendo o ideal, os pais são firmes em suas orientações, dando suporte e ajudando os filhos a estabelecerem metas realísticas, além de serem financeiramente participativos. O superenvolvimento ocorre quando os pais excedem em sua participação na vida esportiva dos filhos, não sabendo separar seus próprios desejos, fantasias e necessidades com as dos seus filhos.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, será dissertado a respeito da caracterização da pesquisa, do mesmo modo, será abordado sobre os colaboradores (sujeitos) participantes. Ainda serão expostos os procedimentos para obtenção da informação que foi utilizado na investigação.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho apresenta características de um estudo transversal, pois não houve o acompanhamento em longo prazo dos colaboradores desta pesquisa (GAYA et al., 2008, p. 78). Quanto à abordagem, a pesquisa será qualitativa que, segundo Negrine (2010, p.62): “tem como pressuposto científico manipular informações recolhidas, descrevendo e analisando-as, para num segundo momento interpretar e discutir à luz da teoria”. Por fim, quanto ao nível de profundidade, a pesquisa será descritiva, pois seu principal objetivo é “analisar determinados fenômenos, definir seus pressupostos, identificar suas estruturas ou esclarecer possíveis relações com outras variáveis” (GAYA et al., 2008, p. 152).

#### 3.2 COLABORADORES DA PESQUISA

Como critérios de inclusão dos sujeitos participantes se optaram pela definição de forma intencional, onde foram selecionados aqueles pais que possuíam tempo mínimo de três anos como membros da escola de patinação, assistiam a maioria dos treinos e demonstraram maior engajamento, envolvimento e participação no processo das atividades esportivas de seus filhos na escola, indo ao encontro ao que Gaya et al. (2008, p. 78) discorre “podemos afirmar que a seleção dos sujeitos de pesquisa em estudos qualitativos é intencional e se baseia em critérios pré-definidos”. Sendo assim, participaram da construção deste estudo dois pais e três mães. Cabe ressaltar que, para preservar a identidade dos colaboradores, os mesmos terão seus nomes substituídos e representados por letras, na ordem que foram realizadas as entrevistas: Pai “A”, Pai “B”, Mãe “A”, Mãe “B” e Mãe “C”.

Ao observar a caracterização deste estudo, tratando-se de uma pesquisa qualitativa, não há preocupação com a generalização das informações encontradas

para além dos colaboradores (os sujeitos serão chamados de colaboradores, pois de fato, eles foram colaboradores durante a construção desta pesquisa) investigados, como explica Víctora, Knauth e Hassen (2000) citados por Gaya et al. (2008, p. 77) “na pesquisa qualitativa, o universo empírico refere-se ao grupo que será estudado e ao local onde será realizada a investigação”.

A partir desta compreensão e em função dos objetivos deste trabalho, para a seleção dos colaboradores, buscou-se considerar três tópicos importantes, o grupo que iria participar da pesquisa, o local e o período de tempo em que seria realizada a investigação, pois, como disserta Gaya et al. (2008, p. 78): “de fato, o local e os sujeitos selecionados devem apresentar as melhores possibilidades de fornecer informações adequadas sobre os indicadores, os atributos ou as categorias investigadas”.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada de maneira individual com todos os colaboradores escolhidos previamente, em horário combinado pelos mesmos. O roteiro das questões abordadas encontra-se no APENDICE D. Sobre o roteiro das entrevistas, Negrine (2010, p. 75) comenta que “constitui-se em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro”.

As entrevistas foram registradas utilizando o aplicativo gravador de um celular modelo Iphone 7. Após a aplicação das entrevistas, as mesmas foram transcritas e devolvidas aos pais, para que os mesmos as validassem e, logo após, as devolvessem para dar continuidade à investigação.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E PRECEITOS ÉTICOS

A presente pesquisa foi iniciada a partir do diálogo entre a autora e os professores proprietário da escola, quando foi apresentada a proposta de trabalho e assinada a autorização e consentimento (APÊNDICE A), para a liberação e o início do mesmo. Após, foram contatados os pais que participavam ativamente da vida esportiva dos filhos. Os pais que aceitaram participar do estudo constituíram os

sujeitos da presente pesquisa. Foi marcado um horário para entrevista com cada pai, e no encontro os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e a Declaração de Consentimento (APÊNDICE C), de acordo com os preceitos éticos. O sigilo e o anonimato dos sujeitos foram garantidos. As entrevistas semiestruturadas, aplicadas aos colaboradores ocorreram conforme um roteiro (APÊNDICE D), com perguntas relativas ao problema de pesquisa.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, serão apresentadas as dimensões que foram evidenciadas a partir das entrevistas realizadas.

### 4.1 PROCESSO DE INICIAÇÃO DOS FILHOS NA PATINAÇÃO ARTÍSTICA

De acordo com Lopes e Nunomura (2007), deve-se buscar compreender as motivações que levam crianças à prática esportiva, a fim de que o direcionamento de suas metas sejam facilitadas. Segundo os autores, essa compreensão pode contribuir, ainda, para que o treinador elabore as atividades do treinamento, e saiba quais estratégias utilizar para evitar o abandono precoce do esporte.

No que se refere ao processo de iniciação, os pais demonstraram ter incentivado seus filhos a praticarem a patinação:

*A gente foi passear no Marinha, há muitos anos atrás, e ela andava de roller. A gente comprou um roller pra para brincar, e ela gostou. Aí a gente resolveu comprar um patins de 4 rodas e procurar uma escola (M2).*

*A escola em que ela estudava tinha patinação. Aí ela gostou do esporte, começou a patinar, se interessou, foi gostando. Aí eu resolvi procurar uma escola onde ela pudesse competir (M1).*

*A Nicole começou a patinar aos 8 anos no colégio o qual ela estudava. Depois do colégio onde estudava, ela ainda passou por uma escola anterior, antes de vir patinar com a Camila [...] (P1).*

Nos relatos acima, percebe-se a influência dos pais na procura por uma escola de patinação. O colaborador M2 relata uma situação de lazer, que propiciou um novo aprendizado e um incentivo dos pais para uma nova habilidade, uma nova prática esportiva. Já M1 e P1 relatam que a própria escola oferecia a prática da patinação, o que chama a atenção para a importância de ofertas diversas de práticas esportivas nas escolas. Tal prática gerou interesse e, posteriormente, incentivo dos pais em relação à patinação.

Para qualquer prática esportiva, deve haver um motivo específico, ou um conjunto de fatores, que levem à criança a optar pela mesma, em detrimento de outras atividades e, muitas vezes, de eventos sociais. De acordo com Weinberg e



Gould (2001), a motivação para a atividade é decorrente da interação de fatores pessoais e situacionais. Seriam exemplos de fatores pessoais: necessidades, interesses próprios, metas e personalidade da criança; os fatores situacionais abrangeriam: estilo de liderança dos técnicos e/ou professores, facilidades biológicas para o esporte, tarefas e desafios atrativos para a criança, e influências sociais.

No relato de P2, o colaborador elucida como a filha iniciou a prática da patinação:

*Incentivo da mãe que já havia patinado e achou legal. Surgiu a oportunidade de ir para a escola e ela buscou, tomou gosto e até hoje não deixou o esporte (P2).*

P2 relata que a mãe da aluna gostaria que a filha tivesse a mesma experiência positiva que ela outrora teve com a patinação. Assim, o incentivo foi inicialmente dos pais, o que diferencia esse relato dos anteriores. Maslow (1954), em seu estudo, estabeleceu uma hierarquização de motivos, segundo os quais a motivação ocorreria. Seriam eles, em ordem: necessidades fisiológicas, de segurança, social, auto-estima e auto-realização. De acordo com o autor, a motivação influenciaria as necessidades e vice-versa, se modificando à medida em que são satisfeitos. Esse processo geraria o desenvolvimento em seus inúmeros aspectos, especialmente no que tange à personalidade do praticante.

O colaborador M3 relata outra forma de ingresso na patinação artística:

*A Maria iniciou na patinação através de um convite de uma colega da escola e desde então ela continua patinando e gosta muito desse esporte (M3).*

M3 relata que a motivação inicial da filha teria ocorrido através de uma amizade, ou seja, não por influência dos pais. Isso diferencia o relato, uma vez que mostra outra influência importante no incentivo à prática esportiva: as amizades e relacionamentos em geral.

Ainda de acordo com Lopes e Nunomura (2007), a motivação poderia ter origens internas e/ou externas. A motivação intrínseca abrangeria fatores pessoais, sensações de prazeres pessoais e internos do praticante. Já a motivação extrínseca abrangeria os fatores ambientais, as influências de outras pessoas, os elogios recebidos pelo praticante, as recompensas externas que alguns teriam, entre outros.

No caso de M3, a influência teria sido claramente extrínseca, inicialmente, porém a continuidade na prática ocorre devido à junção de diversas motivações, sejam elas internas e/ou externas.

#### 4.2 A IMPORTÂNCIA DA PATINAÇÃO ARTÍSTICA PARA OS FILHOS

De acordo com o estudo de Lopes e Nunomura (2007), após a identificação da motivação para o ingresso no esporte, é necessário que a criança mantenha o interesse sempre elevado, a fim de seguir na modalidade e poder ter níveis elevados de rendimento. Para Magill (1984), a motivação pode ser definida como o conjunto de causas que afetam o início, a manutenção e a intensidade de comportamento do praticante da modalidade esportiva. Berleze et al. (2002) defendem que o comportamento humano seja movido por necessidades, pelos interesses e pelos estímulos vindos do meio ambiente.

O que tornaria a prática esportiva, então, importante para o praticante, após o início da mesma? Que fatores manteriam a criança engajada e desafiada positivamente na prática? O relato de P2 elucida a opinião do colaborador P2 a respeito da importância que a patinação artística exerce na vida da filha:

*A patinação é importante, assim como qualquer esporte, porque primeiro desenvolve habilidades físicas, motoras, mentais, da disciplina na vida e acho que isso é importante para o desenvolvimento de qualquer ser humano. É importante ter contato ao longo da adolescência e na infância com esporte e que isso permaneça como um hábito para toda a vida dela (P2).*

Apesar dos apontamentos corretos feitos pelo colaborador, a respeito do esporte e as habilidades que o mesmo desenvolve, P2 apresenta uma visão restrita a respeito da motivação da filha. Como visto anteriormente, a motivação depende de inúmeros fatores, intrínsecos e extrínsecos, que vão além de uma visão técnica da prática em si. O relato demonstra, sim, a importância que o colaborador dá para a patinação, e não necessariamente a importância que a filha vê em sustentar a prática.

Os relatos abaixo revelam outras visões a respeito da importância que as filhas dão para a prática da patinação:

*Bom, a patinação artística faz parte total da nossa vida. A gente passa mais tempo na patinação do que em casa, praticamente. Os nossos amigos são da patinação, na verdade a gente vive a vida ali na patinação. É tipo uma vida paralela à nossa. São amizades. O esporte faz com que ela cresça, faz com que ela se concentre. Faz com que ela se dedique. Bom, o esporte para nós nesses anos todos é fundamental, na nossa vida (M2)*

*A Daniela não era uma criança assim muito... como vou te dizer... ela não tinha muitas amizades, ela era um pouco tímida. E a patinação ajudou a ela. A se dar melhor com as pessoas, mais amizades, mais regras, a ter mais disciplina. A convivência social foi muito boa. A coordenação motora dela melhorou bastante. Acho que foi bom em muitos sentidos (M1).*

*Bom! Como eu disse anteriormente ela começou a patinar aos 8 anos né. É uma atividade física que proporciona diversas habilidades físicas, motoras, emocionais, equilíbrio. Ensina ela a competir, tanto a ganhar como a perder. Trabalha inúmeros grupos musculares. Sem falar na parceria, na amizade que ela adquiriu durante todo esse tempo (P1).*

Tanto M2 quanto M1 comentam a respeito das amizades, o que revela que as filhas dão importância às relações que fazem durante a prática, o que seria benéfico por inúmeros fatores. M1 revela, ainda, uma superação da filha em relação à timidez e à dificuldade de se relacionar, que foi trabalhada positivamente durante a prática esportiva. M1 e P1, ainda, revelam a importância da atividade para o desenvolvimento motor das praticantes, ainda que talvez essa seja uma importância para os pais, mais que para as filhas.

O último relato se difere dos anteriores, por priorizar a disciplina que o esporte promove:

*Eu acho que é bem importante porque traz muitas regras, eu acho que elas aprendem a conviver bastante com os outros, aprendem a perder a ganhar, acho que traz várias coisas importantes para o crescimento dela (M3).*

A colaboradora M3 acredita que a importância do esporte está nas regras propostas, bem como na convivência com outros praticantes, e o aprendizado advindo das competições. Ainda que estes sejam benefícios da prática esportiva, possivelmente estas não representem as verdadeiras motivações da filha para seguir na prática. Representam, no entanto, a importância que os pais vêem no esporte.

### 4.3 A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESPORTIVA DOS FILHOS

Questionados a respeito da contribuição dos próprios colaboradores à prática da patinação, alguns relatos refletem dedicação extrema:

*Nossa! Contribuo 100%. Dedicção de tempo, de gastos, de tudo. A gente vive em função disso. Três vezes por semana ela treina, finais de semana ela treina... A gente passa a maior parte do tempo dedicada ao esporte mesmo [...] Acompanho, viajo, quando a gente viaja e estamos em todos os treinos juntas (M2).*

*Eu tô sempre presente. Sempre levo ela nos treinos, acompanho os treinos sempre, vou aos campeonatos, ajudo na parte financeira, pago tudo o que ela precisa. Eu acho que é isso! (M3).*

*Eu acompanho bastante ela, sempre que eu posso, nos treinos, nas competições. Em todos os eventos que tem eu procuro estar sempre presente. Além disso, ainda tem o apoio financeiro, claro né, que a gente paga escola, paga competições, paga figurinos. Aí a gente senta em casa, conversa, e vê o que está dentro do nosso orçamento (M1).*

Em relação aos relatos, os três revelam dedicação na manutenção da prática esportiva por parte dos colaboradores. M2 expõe, ainda, que a família vive de acordo com a agenda de treinos da filha, o que demonstra a importância extrema que a patinação tem para os mesmos. M3 e M1 revelam, ainda, o apoio financeiro que oferecem às filhas, que representa uma grande colaboração à prática.

De acordo com Bloom (1985), na infância, os pais servem de exemplo para a iniciação no domínio específico do esporte em questão, estimulando e criando situações de interesse para os filhos. Segundo o autor, os pais encorajam os filhos através de incentivos verbais, recursos financeiros e materiais, bem como podem ensinar as primeiras habilidades na área e proporcionar acesso a professores da modalidade.

A respeito da contribuição financeira, Yang et al. (1996) defendem que a situação sócio-econômica das famílias não necessariamente determina a orientação adequada na prática esportiva, bem como o sucesso ou fracasso do atleta no esporte. Apesar do apontamento da questão financeira pelos colaboradores como sendo importante, o estudo revela que os atletas podem ter sucesso de outras formas, com patrocínios e incentivos diversos, não provenientes dos pais.

Os relatos de P1 e P2 elucidam todos os aspectos de contribuição que os colaboradores consideram importantes na vida esportiva das filhas:

*[...] a questão da competição, da disputa, do treinamento, do rigor do treinamento, hábitos de vida, hábitos saudáveis! [...] Contribuo incentivando para que ela permaneça no patins, enfim, como se fosse qualquer outro esporte (P2).*

*Bom, eu sempre gostei de estar muito presente no cotidiano da minha filha. Como é que a gente ajuda? A gente ajuda com a parte financeira, com a parte de locomoção, com a parte psicológica, porque apesar de ser uma atividade semi-profissional, a competição é muito forte, então a gente tem que dar sempre um apoio psicológico para criança, quando ganha nem tanto mas quando perde muito mais ainda. Um apoio financeiro, como eu falei antes, de locomoção: a gente sempre anda de ginásio em ginásio, normalmente a gente tem que ficar o dia inteiro presenciando todas as atividades junto e normalmente eu sempre estou acompanhando ela até mesmo nos treinos (P1).*

O aspecto psicológico, mencionado por P1, é de grande importância na aderência à prática esportiva, como visto no referencial teórico do presente estudo. O estudo de Pujals e Vieira (2002) estudou atletas antes e após competições. Nos resultados, houve variações na motivação extrínseca dos atletas, relacionadas ao período pré e pós-competitivo. Tal motivação, como visto anteriormente, inclui o apoio familiar. Assim, o relato de P1 ganha importância, pois aborda a motivação e o auxílio dos pais em momentos de maior ansiedade.

#### 4.4 A EXPECTATIVA DOS PAIS EM RELAÇÃO À PRÁTICA DOS FILHOS NA PATINAÇÃO ARTÍSTICA

De acordo com Cogan e Vidmar (2000), os pais podem prejudicar a carreira dos filhos atletas, com determinadas ações. Para Nunomura e Oliveira (2004), alguns pais visam somente o resultado do esporte, impõe regras desde a alimentação, fazendo muitas vezes o papel errôneo de treinador. A expectativa exagerada dos pais pode ter relação com a experiência prévia que tiveram no esporte - positiva ou negativa, com sua competitividade, com a ânsia por ver os filhos tendo êxito, etc. Também há pais com expectativas positivas, em nível de apoio ao filho atleta, e não de cobrança.

A participação dos pais na carreira esportiva dos filhos, de todo modo, se torna crucial. Pode ser determinante para a permanência e motivação na prática, e

para o sucesso do atleta. Podem se tornar fontes de pressão ou fontes de apoio, dependendo de seu comportamento. O relato de M2 demonstra um grau de expectativa elevado:

*Eu quero que tudo que ela treine ela seja recompensada, eu quero que ela se esforce, eu quero que ela tenha dedicação, disciplina. O tira as crianças de várias outras coisas que não fazem bem. O esporte na verdade faz parte da nossa vida e eu quero que ela se dedique que ela tenha vitórias [...] E ganhe sempre, né?! (M2)*

O fato de que a colaboradora deseja uma recompensa para todo o tempo de treino sugere um alto grau de expectativa em relação à prática da filha. Além disso, querer que a filha ganhe sempre também sugere uma expectativa quase irreal, que pode influenciar a praticante. De acordo com Vilani e Samulski (2002), a alta exigência e a cobrança dos pais podem promover uma rotina de regras rígidas e expectativas irreais. Hellstedt (1995) elucida que a influência excessiva, ou ineficaz, dos pais pode gerar frustração e problemas para a carreira esportiva dos filhos, bem como para o seu psicológico.

Os relatos de M3 e P2, por outro lado, demonstram expectativas mais ligadas ao crescimento e desenvolvimento das filhas no esporte:

*A minha expectativa é mais como crescimento pessoal. Como pessoa. Eu acho que o esporte em si, qualquer tipo de esporte, é muito importante para o crescimento e desenvolvimento dela como pessoa, como um profissional no futuro. A minha expectativa é essa: que ela cresça sem medos, que ela aprenda a lidar com as coisas da vida através do esporte (M3).*

*A minha expectativa é que ela continue patinando. Mesmo que não seja para competir daqui a alguns anos, mas, que ela leve os hábitos saudáveis da patinação, do esporte, da convivência com um monte de amigos, entre outros competidores. Acho que isso vai ser bastante salutar para ela (P2).*

Ambos os relatos demonstram que os pais estão evidenciando a experiência esportiva, para além das competições, como sendo o mais importante para as filhas. A expectativa nesse caso seria de que elas continuem praticando o esporte, por fazê-las aprender e se desenvolver através de uma prática benéfica para as mesmas.

Os dois últimos relatos revelam, ainda, outras esferas da expectativa dos colaboradores em relação à carreira esportiva das filhas:

*Bom, eu não sei se ela vai querer levar esse esporte como meio para ela, digamos assim, adulta, se sustentar através da patinação, mas acima de tudo, que importa é que ela tá feliz enquanto ela tá patinando, né. Enquanto ela puder conciliar estudo e patinação, daqui algum tempo talvez estudo, patinação, e trabalho, eu vou estar sempre apoiando ela (M1).*

*A patinação artística, para minha filha, eu acho que é muito importante, porque se não ela não estaria ainda fazendo por 8 anos que ela pratica, né. De 8 a 10 anos. Ela gosta muito dessa atividade. Ela se dedica bastante, ela tem amizades muito duradouras. A gente pretende ainda que ela continue a praticar patinação artística pelo tempo que ela quiser, mais alguns anos. Apesar de que, como ela já está com 19 anos, o prazo de competição dela está se extinguindo porque a maioria da categoria dela, é ela e mais algumas. Então as crianças que vão competir com ela são tudo mais experiente, são tudo níveis superiores (P1).*

Enquanto M1 preconiza a felicidade no esporte, P1 fala da importância que a atividade tem para a filha e o quanto a mesma aprecia a atividade. A colaboradora M1, ainda, enfatiza que deseja apoiar a filha sempre, durante toda a sua carreira. Já o colaborador P1 enfatiza que o prazo de competição da filha está se esgotando, o que demonstra uma certa expectativa em relação às competições, positiva ou negativa.

Para Brustad (1992), nenhum papel que os pais assumam durante a prática esportiva dos filhos será tão importante como a capacidade de estabelecerem um ambiente emocional propício à participação dos filhos no esporte que escolheram. Assim, fica nítida a importância dos pais de controlarem as suas expectativas em relação à competições, e apoiarem seus filhos em todos os momentos do esporte.

#### 4.5 COMO OS PAIS LIDAM COM OS FILHOS EM DIAS DE COMPETIÇÕES

Para Figueiredo (2000), no que tange à psicologia esportiva, a ansiedade é um dos principais influenciadores que interferem no desempenho dos atletas. A maioria dos esportistas, se não todos que competem, sofre pressão constante, além de medo e ansiedade. Bara Filho e Miranda (1998) elucidam que a obrigação de vencer é algo que assombra alguns competidores, e se torna recorrente, pois a sociedade exalta a emoção da recompensa, bem como o sofrimento da derrota.

Os relatos abaixo revelam os hábitos dos colaboradores durante os dias de competição das filhas:

*Eu tento dar apoio, mas tento não mudar nada na nossa relação. Eu falo palavras de incentivo e deixo ela bem tranquila o máximo possível. Deixo ela se arrumar, ela fazer o que ela quer até o horário da competição. Pra ela ficar calma, tranquila, e se der deu, se não der, não deu! (M2).*

*A gente tenta deixar ela calma, a família toda. Dizer para ela que o importante é ela competir, o importante é a convivência com os outros atletas. Claro que a gente sempre gostaria que ganhasse, mas isso não é o principal. O principal ela estar lá, aprender a ganhar e aprender a perder (M1).*

A colaboradora M2 revela que não faz mudanças na rotina durante os dias de competição. Deixar a filha à vontade e tranqüila é sua prioridade, para conseguir competir calma. Esse relato, no entanto, é contrário à fala da colaboradora na pergunta anterior da entrevista, quando revelou esperar que sua filha sempre ganhe as competições. Percebe-se um desencontro nas falas, o que pode revelar uma expectativa da mãe, que não é passada para a filha durante os dias de competição, ou que a colaboradora não revelou, de fato, os hábitos durante tais situações. Nota-se ambigüidade nas falas da mãe, o que torna difícil a compreensão dos verdadeiros hábitos da família na vida esportiva da filha. Ao relatar que deseja que a filha sempre ganhe as competições, a mãe entra em uma visão tecnicista, que vê o corpo com um propósito, o de vencer. De acordo com Barbosa et al. (2009), o ensino de determinada técnica esportiva sempre encerrará em seu interior uma dimensão técnica. No entanto, tal dimensão não significa tecnicismo ou “performance”. Segundo os autores, o caráter lúdico pode prevalecer sempre durante as aulas, pois o ambiente de aprendizado é justamente organizado para possibilitar a apreensão do conhecimento específico do esporte.

A colaboradora M1, que visa deixar a filha calma durante as competições, também revela que gostaria que a filha sempre ganhasse as competições, o que não tinha sido demonstrado na pergunta anterior. Assim, fica claro que as duas perguntas seguidas foram importantes para o presente trabalho, uma vez que complementamos as respostas de alguns colaboradores. Quando questionada se ficava nervosa durante as competições da filha, M1 respondeu: “Demais!”, o que revela uma grande expectativa em relação aos resultados da filha. Após, a colaboradora diz que tenta não deixar transparecer seu nervosismo para a filha, e que torce em silêncio durante as competições.

Os relatos de M3 e P2 revelam outros hábitos nos dias de competição:



*Não costumo fazer nada de diferente. No máximo a gente tem alguma conversa ou outra, mas, a princípio, a gente encara os dias de treinos, de competições, um dia normal como qualquer outro (M3).*

*Procuro manter uma rotina normal e incentivar ela a fazer o melhor porque é apenas uma competição e só vai revelar o resultado do que ela acumulou de treinamento, enfim. Não procuro fazer nada diferente (P2).*

Enquanto M3 revela que tem conversas com a filha nos dias de competição, porém não modifica sua rotina, P2 enfatiza que a competição apenas revela um resultado de acordo com o treinamento. O colaborador P2, portanto, demonstra expectativa quanto ao treinamento, bem como sua carga horária. Os dois colaboradores não demonstram fazer mudanças nos dias de competição, mas M3 cita conversas e P2 cita treinamento, como fatores importantes. A colaboradora M3, ainda, ao ser questionada sobre seu nervosismo durante os dias de competição, diz que “ficava bastante no início mas hoje já não mais”. Já P2 relata: “Eu particularmente não fico, mas acho que ela fica um pouco e a mãe dela fica bastante”.

O último relato se difere dos anteriores, por revelar hábitos de escolha da filha durante os dias de competição:

*Em dias de competições apesar da gente não tentar demonstrar principalmente para ela, a gente fica muito nervoso. A Nicole costuma ter algumas manias em dias de competições que nos afetam bastante. Por exemplo: ela não come nada durante o dia, a parte psicológica dela aflora. Então a gente tenta ficar o mais calmo possível para tentar, pelo menos, passar um pouco de calma para ela, principalmente dizendo assim: O que importa é competir, ela tem que entrar em quadra e fazer o melhor dela. O resultado? O resultado vai vir de acordo com a apresentação dela. Não importa para nós tanto o resultado, é óbvio que a gente gostaria que ela ganhasse sempre, mas, o que importa é competir. Então, que ela esteja praticando alguma atividade física. E como ela adora essa atividade, de patinação, a gente apoia sempre. E o dia da competição é só um apoio a ela. A gente tenta não deixar ela mais nervosa do que ela já fica para competir (P1).*

O relato de P1 revela hábitos possivelmente prejudiciais, que a própria filha realiza durante os dias de competição. Não comer, demonstrar maior nervosismo e ter manias foram citados pelo colaborador como atos que a filha faz nesses dias. Apesar da fala do pai, que estimula a calma e que prefere a competição do que

resultados, claramente a filha tem uma expectativa alta quanto ao próprio desempenho.

Gill e Deeter (1988), em seu estudo, dimensionam o nível de competitividade dos atletas, quanto às suas tendências comportamentais. Os níveis seriam: competidor – o atleta tem prazer de competir em qualquer situação; determinado - estabelece objetivos de acordo com desejos pessoais, que podem visar a vitória ou apenas a experiência; e, vitorioso – que busca a vitória como sendo o único objetivo possível. Nenhum dos relatos revela a natureza competitiva dos filhos, nem a tendência comportamental de cada um. O relato de P1, no entanto, revela uma grande ansiedade da filha nos dias de competição, o que poderia ser trabalhado para que sempre permaneça em níveis saudáveis de expectativa da atleta.

#### 4.6 CLASSIFICAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DE TIPOS DE PAIS NO ESPORTE

A última pergunta da entrevista envolvia a classificação dos pais, e em qual delas os colaboradores acreditariam se encaixar. As classificações, de acordo com Smith e Smoll (1999), citados por Marques (2003, p. 55), eram:

- Pais desinteressados: a característica desses pais é ausência permanente nas atividades desportivas dos filhos
- Pais supercríticos: esses pais estão sempre criticando e censurando parece que nunca estão satisfeitos com o rendimento desportivo do filho. Passam a impressão que é mais a sua prova, o seu treino, o seu jogo, do que a tarefa do seu filho.
- Pais nervosos que gritam: trata-se daqueles pais que vivem gritando contra todos e contra tudo enraivecidos não deixando que se ouça mais ninguém inclusive o treinador.
- Pais treinadores: é muito frequente encontrar esse tipo de pai junto ao banco de reservas ou a volta do local da competição dando instruções aos praticantes. Essas ordens e orientações, muitas vezes, são contrárias às instruções do próprio treinador. Essa situação provoca confusão nas crianças pois são duas pessoas diferentes dando-lhes instruções ambivalentes sobre ações que elas devem executar nos treinamentos e competições.

- Pais superprotetores: é mais comum encontrar essa situação entre as mães das crianças. É frequente ouvi-las dizer que vão retirar o filho de desporto pelos perigos que ele envolve.

Se o colaborador não se sentisse representado por nenhum das definições, deveria revelar como se caracterizaria, em seu relato. Os relatos dos colaboradores, a seguir, revelam uma discordância por parte dos pais em relação às definições apresentadas:

*Eu não me encaixo em nenhuma dessas classificações aí de mães. Na verdade eu sou uma mãe que apóia, que tá sempre junto, mas sou tranquila. Não fico nervosa e fico tranquila. O que acontecer aconteceu numa boa. Claro que a gente sempre quer o melhor resultado, quer que ganhe, quer que vá bem, mas eu não fico cobrando isso. Se acontecer, aconteceu, o que importa é elas saírem satisfeitas (M2).*

*Olha acho que eu não me encaixo em nenhuma dessas. Eu procuro ser sempre a mãe que apoia a filha, ganhando ou perdendo, tentando não se intrometer onde não é a minha área, no caso (M1).*

*Eu acho que eu não me encaixo em nenhuma dessas opções, entende? Eu como pai eu só tento apoiar como eu levo e trago, tô sempre presente. Eu quero que ela faça uma atividade física e atividade física que ela escolheu é patinação. A gente sabe dos perigos de torções, quedas, mas isso faz parte do jogo, qualquer atividade física que ela possa vir a fazer isso vai acontecer. Então a gente apoia ela em tudo que ela queira fazer. Então eu acho que eu me encaixaria no pai mais apoiador do que em qualquer uma dessas descrições (P1).*

Os três relatos revelam colaboradores que não se sentem representados pelas definições apresentadas, e que dizem apoiar suas filhas de uma maneira adequada, sem cobranças extremas ou expectativas irreais. P1 revela, ainda, uma preocupação em relação às lesões esportivas, e se diz um pai apoiador, por apoiar a atividade física que a filha escolheu.

A colaboradora M3, em sua fala, revela o hábito de incentivar a filha:

*Eu acho que não me encaixo em nenhuma dessas alternativas aí. Porque na realidade eu tento incentivar ela, eu tento fazer com que esse dia da competição seja um dia especial, um dia que a gente vá para se divertir, um dia que ela vá para se superar, para ela superar a ela, que seja um dia bom e não dia pesado, um dia com coisas negativas, com gritos, com nervosismo. Eu acho que esse é o tipo de mãe que eu sou, assim, pra ela (M3).*

Ao ser questionada se seu comportamento permanecia assim mesmo em dias de competição, a colaboradora responde: “Geralmente sim, todos os dias”. O relato

de M3 se difere dos anteriores, uma vez que revela o incentivo de que os dias de competição devem ser especiais, em que a filha consiga se divertir. No entanto, a palavra superação se repete, no sentido de que a filha deve se superar sempre.

Já o colaborador P2 se define como “espectador”:

*Eu não me encaixo em nenhuma. Acho que seria mais um expectador e motivador. Em momento algum eu vou tentar substituir o papel do treinador ou da treinadora, ou tentar punir o filho ou a filha em função de mau desempenho e jamais tento me colocar no papel dela enquanto esportista. Só motivo e espero que ela faça o melhor e apoio (P2).*

O colaborador acredita conseguir manter seu papel de pai durante as competições, sem expectativas irreais e sem substituir o papel de treinador. Além disso, menciona que não puniria a filha em função de um possível desempenho ruim. No entanto, P2 relata que espera que a filha sempre faça o seu melhor, o que demonstra expectativa em relação ao resultado da competição.

Em suma, nenhum dos colaboradores se sentiu representado pelas classificações demonstradas, e todos se sentem pais apoiadores e coerentes. Durante toda a entrevista, no entanto, notam-se semelhanças em alguns aspectos das classificações com os relatos dos pais.

## 5 CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS PARA NOVOS ESTUDOS

Os resultados indicam que nenhum dos colaboradores se sentiu representado pelas classificações apresentadas de pais no esporte, e que todos crêem ser pais apoiadores e coerentes. Durante toda a entrevista, no entanto, notam-se semelhanças em alguns aspectos das classificações com os relatos dos pais, e algumas discrepâncias nos relatos em perguntas diferentes. Alguns colaboradores demonstram ambigüidade em diversos momentos de seus relatos, o que sugere um descompasso entre o comportamento que acreditam ser o ideal, e o que realmente praticam.

A maioria dos pais demonstra preocupação educacional no processo de aprendizagem esportiva. No entanto, alguns refletem uma visão tecnicista do esporte, focada na performance e na competição, o que pode ser prejudicial à iniciação esportiva da criança, que se sente cobrada por resultados, mais do que por aprendizado e desenvolvimento.

Baseado no referencial teórico e nos resultados da pesquisa, sugere-se que escolas esportivas realizem encontros, palestras e atividades a fim de mostrar aos pais a metodologia utilizada nas aulas, os cuidados que devem ter com a prática, os benefícios e malefícios do processo de aprendizado no esporte, entre outros. Assim, os pais estariam alinhados ao processo de iniciação esportiva, bem como no desenvolvimento da carreira dos filhos. Dessa forma, a escola protegeria as crianças de possíveis hábitos e práticas equivocadas dos pais, e teria condutas corretas explicitadas, de maneira a fazer com que os próprios pais corrigissem uns aos outros, e garantindo uma maior harmonia no ambiente de aprendizado dos atletas. Além disso, tais medidas garantiriam também a proteção da própria escola, quanto a reações negativas de pais que buscam resultados a qualquer custo, ou quanto a pais que não compreendem a metodologia, por matricularem seus filhos no meio do processo, ou por exigirem que os filhos tenham resultados semelhantes a outras crianças. Sugere-se, inclusive, que os pais assinem um Termo de Direitos e Deveres, para que estejam cientes de possibilidades negativas que possam ocorrer com os alunos.

Sugere-se, para novas pesquisas, que as mesmas incluam maiores amostras, para que os resultados possam refletir uma maior população. Também, que sejam

realizadas pesquisas semelhantes em outros núcleos, de modalidades esportivas diversas, para comparação e elucidação das práticas dos pais nas mesmas.

## REFERÊNCIAS

- ASPESI, C.C. **Processos familiares relacionados ao desenvolvimento de comportamentos de superdotação em crianças de idade pré-escolar**. 2003. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- BABKES, M. L.; WEISS, M. R. Parental influence on children's cognitive and affective responses to competitive soccer participation. **Pediatric Exercise Science**, v. 11, n. 1, p. 44-62, 1999.
- BARA FILHO, M. G.; MIRANDA, R. Aspectos psicológicos do esporte competitivo. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 3, n. 3, p. 62-72, 1998.
- BARBANTI, V. J. **Influência dos pais na formação esportiva dos filhos**. 1989. 45f. Tese (Livre Docência) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- BARBOSA, M. C. S. et al. **Práticas cotidianas na educação infantil** - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC, 2009.
- BAKER, J.; HORTON, S. A review of primary and secondary influences on sport expertise. **High ability studies**, v. 15, n. 2, p. 211-228, 2004.
- BECKER JR., B.; TELÖKEN, E. A criança no esporte. In: BECKER JR., B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000.
- BERLEZE, A.; VIEIRA, L. F.; KREBS, R. J. Motivos que levam crianças à prática de atividades motoras na escola. **Journal of Physical Education**, v. 13, n. 1, p. 99-107, 2002.
- BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine Books, 1985.
- BRUSTAD, R. J. Integrating Socialization Influences into the Study of Children's Motivation in Sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 14, n. 1, p. 59-77, 1992.
- BRUSTAD, R. J. Who will go out and play? Parental and psychological influences on children's attraction to physical activity. **Pediatric Exercise Science**, v. 5, n. 3, p. 210-223, 1993.
- BYRNE, T. Sport: It's a family affair. In: LEE, M. (Ed.). **Coaching Children in Sport: Principles and Practice**. London: SPON, 1993.
- CARLSON, R. The socialization of elite tennis players in Sweden: An analysis of the players' backgrounds and development. **Sociology of sport journal**, v. 5, n. 3, p. 241-256, 1988.

COGAN, K. D., VIDMAR, P. *Gymnastics*. Morgantown: Fitness Information. Technology, 2000.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: A developmental perspective. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. E. (Eds.). **Psychological Foundations of Sport**. Boston: Allyn & Bacon, p. 484-502, 2002.

CRATTY, B. J. **Psychology and physical activity**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1968.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; RATHUNDE, K. R.; WHALEN, S. **Talented teenagers: A longitudinal study of their development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

DE ROSE JR., R. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H.; THOMPSON, K. A. Le rôle joué par les parents dans le développement et le maintien de la performance athlétique experte. **Staps**, n. 2, p. 15-38, 2004.

ECCLES, J. S.; HAROLD, R. D. Gender differences in sport involvement: Applying the Eccles' expectancy-value model. **Journal of applied sport psychology**, v. 3, n. 1, p. 7-35, 1991.

ERICSSON, K. A.; PRIETULA, M. J.; COKELY, E. T. The making of an expert. **Harvard business review**, v. 85, n. 7/8, p. 114, 2007.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. de. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 42-51, 2012.

FONSECA, G. M. M.; STELA, E. S. Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Kinesis**, v. 33, n. 2, p. 41-60, 2015.

FIGUEIREDO, S. H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GAYA, A.; GARLIPP, D. C.; SILVA, M. F.; MOREIRA, R. B. **Ciências do movimento humano: Introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GILL, D. L.; DEETER, T. E. Development of the sport orientation questionnaire. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 59, n. 3, p. 191-202, 1988.

GUSTAFSSON, H. et al. Prevalence of burnout in competitive adolescent athletes. **The Sport Psychologist**, v. 21, n. 1, p. 21-37, 2007.



HANLON, T. **Sport parent**. Champaign: Human Kinetics, 1994.

HELLSTEDT, J. C. Early adolescent perceptions of parental pressure in the sport environment. **Journal of sport behavior**, v. 13, n. 3, p. 135, 1990.

HELLSTEDT, J. C. et al. Invisible players: A family systems model. **Sport psychology interventions**, p. 117-146, 1995.

HEMERY, D. Should a child specialise in just one sport. In: **The pursuit of sporting excellence: a study of sport's highest achievers**. Champaign: Human Kinetics, 1988.

**História da Patinação Artística**. 2012. Disponível em: <[www.cbhp.com.br](http://www.cbhp.com.br)>. Acesso em: 06/7/2018

JERSILD, A. Psicologia da criança, 5ª ed. **Belo Horizonte: Itatiaia**, v. 1, n. 966, p. 38-1, 1966.

JÚNIOR, N, S, V. **A Influência dos Pais no Desenvolvimento de Atletas Jovens no Tênis**. 2002. 128 f. Dissertação (Mestrado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

KRANE, V.; SNOW, J.; GREENLEAF, C. A. Reaching for gold and the price of glory: A motivational case study of an elite gymnast. **The sport psychologist**, v. 11, n. 1, p. 53-71, 1997.

LATORRE, D. L. Influencia de la familia en el deporte escolar. **Lecturas: Educación Física y Deporte**, v. 7, n. 40, p. 1, 2001.

LOPES, P.; NUNOMURA, M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 3, p. 177-187, 2007.

MAGILL, R. A. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo: Blücher, 1984.

MALLET, C. J.; HANRAHAN, S. J. Elite athletes: why does the 'fire' burn so brightly? **Psychology of Sport and Exercise**, n. 5, p. 183-200, 2004.

MARQUES, M. G. **Psicologia do esporte: aspectos em que os atletas acreditam**. Canoas: Editora da ULBRA, 2003.

Maslow, A. H. **Motivación y personalidad**. Argentina: Ediciones Díaz de Santos, 1984.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MUSSEN, P. Early adult antecedents of life satisfaction at age 70. In: **Life-span and change in a gerontological perspective**, p. 45-61, 1985.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M.; TRIVINOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

PUJALS, C.; VIEIRA, L. F. Análise dos fatores psicológicos que interferem no comportamento dos atletas de futebol de campo. **Journal of Physical Education**, v. 13, n. 1, p. 89-97, 2002.

SALMELA, J. H.; YOUNG, B. W.; KALLIO, J. Within-career transitions of the athlete-coach-parent triad. **Career transitions in sport: International perspectives**, p. 181-193, 2000.

SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of expertise: The role of coaching, families, and cultural contexts. **Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise**, p. 275-293, 2003.

SAMULSKI, D.; NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 8, n. 4, p. 157-166, 2002.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. de S. A influência da família no desenvolvimento da superdotação. **Psicologia escolar e educacional**, v. 12, n. 2, p. 337-346, 2008.

SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S.; LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 13, n. 1, p. 34-45, 1999.

VAN YPEREN, N. W. Why some make it and others do not: Identifying psychological factors that predict career success in professional adult soccer. **The Sport Psychologist**, v. 23, n. 3, p. 317-329, 2009.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: a influência de pais, professores e técnicos. **Arquivos em Movimento**, v. 4, n. 2, p. 102-123, 2008.

VERNACCHIA, R. A. et al. Psychosocial characteristics of olympic track and field athletes. **International Journal of Sport Psychology**, v. 31, n. 1, p. 5-23, 2000.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos pagu**, n. 17-18, p. 81-103, 2001.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. **Família e Esporte: uma revisão da influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes**. Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health, 2002.

WEINBERG, R.; GOULD, D. Motivação. In: WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

YANG, X.; TELAMA, R.; LAAKSO, L. Parents' physical activity, socioeconomic status and education as predictors of physical activity and sport among children and youths - a 12-year follow-up study. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 31, p. 273-291, 1996.

**APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO E CONSENTIMENTO****Nome do Responsável:** \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_**Nome da Escola:** \_\_\_\_\_**Endereço:** \_\_\_\_\_**CEP:** \_\_\_\_\_ **Cidade:** \_\_\_\_\_**Telefones: ( )** \_\_\_\_\_

---

Declaro que a estudante **Camila Baptista Colombo** está autorizado a realizar coleta de informações para a pesquisa intitulada: *A Influência dos Pais No Desenvolvimento De Praticantes Da Patinação Artística Na Modalidade Livre Individual*, a partir de \_\_\_\_\_, nesta escola de Patinação Artística.

Tenho conhecimento de que a pesquisa objetiva compreender a perspectiva dos pais em relação à participação dos filhos em uma escola de Patinação Artística. Para efetivar a coleta de informações o pesquisador terá permissão para acessar e analisar documentos, além de realizar entrevistas com os responsáveis pelos alunos da escola e fazer observações das aulas.

Estou ciente de que o pesquisador preservará a identidade dos sujeitos colaboradores e observará os procedimentos éticos no manejo das informações obtidas. As atividades do pesquisador deverão ser executadas com planejamento prévio e sem prejuízo às atividades da comunidade desta escola.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura – Representante Legal da Escolinha)

---

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo com o tema: *A Influência dos Pais No Desenvolvimento De Praticantes Da Patinação Artística Na Modalidade Livre Individual*

Dessa forma, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir com a sua assinatura e sua participação neste estudo.

Você receberá uma cópia deste Termo para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

### 1) **Objetivo do Estudo:**

Procura saber qual a influência dos pais no desenvolvimento de atletas da Patinação Artística (PA) na modalidade Livre Individual

### 2) **Procedimentos:**

Participar de uma entrevista semiestruturada, previamente agendado, a ser realizado nas dependências da escola. Suas respostas serão sigilosas e seu nome permanecerá em anonimato.

### 3) **Riscos e Benefícios do Estudo:**

Primeiro: Sua adesão como colaborador(a) deste estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, nem mesmo o(a) submeterá a situações constrangedoras.

Segundo: Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes de o texto ser transformado em fonte da pesquisa.

Terceiro: Este estudo poderá contribuir para o entendimento da perspectiva dos pais em relação à participação dos filhos em uma escola de Patinação Artística.

### 4) **Confidencialidade:**

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizada.

### 5) **Voluntariedade:**

A recusa dos participantes em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações a qualquer momento, se assim for seu desejo.

**6) Novas informações:**

A qualquer momento os participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o Projeto de Pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

**7) Contatos e Questões:**

**Camilia Baptista Colombo**

Fone (51) 992166700

**Orientador: Prof. Rogério Voser**

Rua Felizardo, n. 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

---

Camila Baptista Colombo

**APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, responsável pelo aluno \_\_\_\_\_, tendo lido as informações oferecidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tendo sido informado (a) sobre as questões referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

**Assinatura** \_\_\_\_\_

**Data** \_\_\_\_\_

---

## APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Como seu filho iniciou na Patinação Artística?
2. Qual a importância da Patinação Artística na vida dos seus filhos?
3. Como você acha que contribui para a vida esportiva do seu filho?
4. Qual sua expectativa em relação a prática da Patinação Artística para sua filha?
5. Em dias de competições, como você lida com sua filha? Faz algo diferente dos outros dias?
6. Em qual dessas classificações você se encaixaria?

Pais desinteressados – a característica desses pais é a ausência permanente nas atividades desportivas dos filhos;

Pais supercríticos – esses pais estão sempre criticando e censurando. Parece que nunca estão satisfeitos com o rendimento desportivo do filho. Passam a impressão que é mais “a sua prova”, “o seu treino”, “o seu jogo” do que a tarefa do seu filho;

Pais nervosos que gritam – trata-se daqueles pais que vivem gritando contra todos e contra tudo, enraivecidos, não deixando que se ouça mais ninguém, inclusive o treinador;

Pais treinadores – é muito frequente encontrar esse tipo de pai junto ao banco de reservas ou à volta do local da competição “dando instruções” aos praticantes. Essas ordens e orientações, muitas vezes, são contrárias às instruções do próprio treinador. Essa situação provoca confusão nas crianças, pois são duas pessoas diferentes dando-lhes instruções ambivalentes sobre ações que elas devem executar nos treinamentos e competições;

Pais superprotetores – é mais comum encontrar essa situação entre as mães das crianças. É frequente ouvi-las falar que vão retirar o filho do desporto pelos perigos que ele envolve.

Caso não se encaixe em nenhuma delas, como se caracterizaria?



